



## O Uso da Análise do Comportamento Aplicada (ABA) na intervenção precoce com crianças com atraso no desenvolvimento

### Autor(res)

Adalmir Palácio Vieira

Ana Laura Cunha Cardoso

### Categoria do Trabalho

Trabalho Acadêmico

### Instituição

CENTRO UNIVERSITÁRIO ANHANGUERA

### Introdução

Atrasos no desenvolvimento infantil podem impactar linguagem, motricidade e habilidades socioemocionais, reduzindo autonomia e participação em contextos familiares e escolares. Nos primeiros anos de vida, a arquitetura cerebral é altamente plástica e sensível a experiências ambientais; intervenções oportunas potencializam aquisições cognitivas e comportamentais. A Análise do Comportamento Aplicada (ABA), fundamentada em princípios respondentes e operantes, tem se consolidado como abordagem com evidências para ensinar repertórios funcionais, reduzir comportamentos desafiadores e generalizar habilidades para ambientes naturais. Em contextos brasileiros, políticas de intervenção precoce, a colaboração entre família-serviço-escola e o treinamento de cuidadores têm sido associados a melhores desfechos. Ainda assim, a literatura aponta heterogeneidade metodológica entre estudos e a necessidade de monitorar fidelidade de implementação, metas funcionais e participação parental para sustentar ganhos e equidade de acesso. Diante desse cenário, investigamos em que medida a intervenção precoce baseada em ABA contribui para domínios cognitivos, sociais e adaptativos em crianças com atraso do desenvolvimento.

### Objetivo

Geral: analisar a eficácia da ABA na intervenção precoce em crianças com atraso no desenvolvimento.

Específicos: (i) descrever procedimentos usuais e contextos de aplicação; (ii) identificar efeitos em linguagem, cognição e comportamento adaptativo; (iii) discutir moderadores (intensidade, fidelidade, participação parental).

### Material e Métodos

Revisão bibliográfica qualitativa (2015–2025) em SciELO, PubMed, Periódicos CAPES, BVS e Google Acadêmico, em português e inglês. Inclusão: artigos completos sobre ABA em intervenção precoce/desenvolvimento infantil; Exclusão: revisões narrativas sem rigor, relatos sem método, duplicatas e publicações anteriores a 2015. Foram extraídos: desenho, amostra, contexto (clínica, escola, casa), procedimentos (ensino em tentativas discretas, ESDM/denominações naturais, treino parental), intensidade, indicadores de resultado (linguagem/comunicação social, cognição, comportamento adaptativo, participação) e presença de supervisão/fidelidade. A síntese focou magnitude/direção dos efeitos e moderadores (dose, alinhamento de metas, capacitação da equipe, envolvimento

familiar).

## Resultados e Discussão

A literatura indica ganhos significativos em linguagem/comunicação social, cognição e comportamento adaptativo quando a ABA é iniciada precocemente, sobretudo em ambientes naturais (casa, escola) e com metas funcionais claras. Intervenções com treinamento sistemático de cuidadores tendem a apresentar manutenção superior de habilidades e melhor generalização para rotinas diárias. Evidências também sugerem que 'como se ensina' pesa tanto quanto 'quanto se ensina': intensidade por si só não explica os desfechos; fidelidade de implementação, supervisão clínica e alinhamento às prioridades da família emergem como moderadores decisivos. Programas que combinam instruções claras, múltiplos exemplares, pistas visuais e oportunidades frequentes de prática em creches/escolas aumentam participação e autonomia.

## Conclusão

A intervenção precoce baseada em ABA favorece repertórios comunicativos e adaptativos, reduz comportamentos desafiadores e amplia a participação infantil quando implementada com metas funcionais, ambientes naturais, supervisão e treino parental. Para maximizar impacto e equidade, recomenda-se monitorar fidelidade, alinhar intervenções às prioridades familiares e fortalecer a integração com políticas públicas e escolas.

## Referências

Papalia DE, Martorell G. Desenvolvimento humano. 15. ed. 2022.

Brasil. Diretrizes de Atenção à Reabilitação da Pessoa com TEA. Ministério da Saúde, 2022.

Rodgers M et al. Health Technol Assess. 2020;24(35):1–306.

Gitimoghaddam M et al. Perspect Behav Sci. 2022;45(3):521–557.

Werker JF, Hensch TK. Annu Rev Psychol. 2015;66:173–196.

Bitencourt RI, Leme MPR, Neves RA. Rev Apae Ciência. 2022;18(2):89–98.

Silva AP, Costa AF. Rev Bras Educ Especial. 2020;26(4):621–635.

Mendonça LD et al. Rev Educação Especial. 2021;34(2):112–130.

Trevisani M. Rev Tópicos em Educação Especial. 2024.

Albuquerque GL et al. Braz J Implantol Health Sci. 2024;6(3):52–63.